

AMADURECIMENTO E DIREÇÃO DOS JOVENS VOCACIONADOS

Paul V. Robb, S. J.

A repercussão de muitos problemas, que se manifestam nas etapas iniciais da formação religiosa, suscita várias reações, que se estendem desde a opção de fechar noviciados, enquanto não se tiver encontrado novas orientações, até a insistência de voltar àquilo que é provado e verdadeiro. Os problemas que surgem podem ser alarmantes: o número de jovens que não perseveram no noviciado ou na vida religiosa após os votos, o contínuo decréscimo de candidatos, os problemas espirituais e psicológicos de jovens religiosos, a dificuldade em assumir o compromisso e o caráter experimental do mesmo, etc. Entretanto, entre as duas reações extremas e a despeito do pânico que pode causar o decréscimo numérico, há muitos sinais de sólida esperança tanto nos resultados de novos programas como, de maneira especial, na vitalidade e sensibilidade espiritual de muitos jovens religiosos. Para traçar algumas normas de orientação em vista desses fenômenos confusos, é necessário compreender algo dos dinamismos que atuam nos jovens, hoje chamados à vida religiosa, os quais fizeram com que a Igreja reformulasse sua compreensão de vocação.

De fato, os decretos do Vaticano II e da 31ª Congregação Geral dão ênfase a novos aspectos na nossa compreensão de vocação. Isto é sustentado e esclarecido em *Renovationis Causam* e nas cartas do Pe. Geral, especialmente em sua carta sobre o *Preparo Espiritual do Jesuíta*. Essa ênfase é tão encarecida e reiterada que implica uma pedagogia radicalmente nova na formação dos jovens com vistas a alcançar os objetivos da vida religiosa — um homem totalmente dedicado a Cristo e comprometido com ele. Essa nova pedagogia abarca os períodos da formação prévia e também requer um re-exame dos meios empregados para selecionar os candidatos à Companhia.

O objetivo deste estudo é especificar e elaborar as diretrizes propostas nestes vários documentos, e, além disso, propor, como meio apropriado para preparar candidatos para a Companhia, a prática da direção vocacional. Por isso, vamos considerar brevemente a ênfase dada nos novos aspectos da vocação, os critérios e indicações de maturidade espiritual e pessoal necessários para abraçar a vida religiosa no noviciado, bem como a prática da direção vocacional.

VOCAÇÃO

A nova compreensão de vocação que se propõe, baseia-se na nova compreensão do significado da atividade de Deus no mundo e nos homens, da vontade de Deus e da liberdade e responsabilidade do homem. Este acento dirige nossa atenção a novos fenômenos no discernimento de vocação. Vocação é vista em termos de um relacionamento dinâmico, progressivo e pessoal entre Deus e

cada pessoa. Esse relacionamento cresce e se desenvolve através de diferentes estágios e graus de relacionamento. É um relacionamento de convite e resposta, de partilha mútua, de comunhão. A consciência do indivíduo sobre o convite de Deus cresce e se desenvolve precisamente dentro e através das séries de respostas que ele dá no curso de sua vida. Com o crescimento e a mudança desse relacionamento se lhe manifestam novas possibilidades de resposta e convite. Uma delas é a possibilidade de vida religiosa e/ou sacerdócio.

Talvez esta noção de vocação não parece nova, e, no entanto, ela inclui um relacionamento que é dinâmico e procede à maneira pessoal e orgânica, o que parece estar ausente, ou pelo menos, não acentuado na nossa compreensão anterior de vocação. A Congregação Geral 31ª enfatiza este aspecto de vocação quando fala da formação:

“Nunca se deveria esquecer que o processo de formação, um trabalho progressivo e nunca completado, deve tomar a forma de um desenvolvimento orgânico nas várias etapas da formação, assim que a vida espiritual nunca fique separada da vida afetiva, intelectual ou apostólica. Sejamos antes orientados para aquela caridade discernente que Santo Inácio nos ensina, de procurar reconhecer e escolher a vontade de Deus em qualquer situação” (1).

O Decreto sobre a Formação Religiosa, *Renovationis Causam*, também ressalta esse aspecto orgânico e dinâmico da vocação. “Parece que em nossos dias e em nossa época a formação genuína deveria proceder mais por estágios e ser estendida por um período mais longo de tempo” (2).

Esta visão de vocação é oposta a um conceito estático que supõe uma espécie de “chamado” fixo ou entidade espiritual, que o jovem recebe e possui. Vocação não é um “caráter” espiritual, como o do batismo, presente no jovem, que deve ser protegido, nutrido e cultivado. Não é nada ao qual o jovem pode agarrar-se como privilégio seu, como sinal de perfeição mais elevada. Não é nada separado do jovem, seja em sua própria experiência, ou história pessoal, ou consciência, ou resposta ao relacionamento pessoal com Deus em Cristo.

Por isso, vocação nesta nova compreensão, é um chamado que apela para uma resposta — e para uma resposta contínua. Ela deve manifestar-se e objetivar-se na fecundidade da vida do jovem como sinal mais claro de que Deus o está convidando à vida religiosa. Isto não serve apenas de informação para a instituição religiosa, mas também para o jovem, no sentido de poder conhecer pessoalmente a realidade da atividade de Deus dentro dele, assim que sua adesão e escolha possam ser feitas livremente. Esta evidência da presença do Espírito no jovem é manifestada no progresso em sua prática da fé, esperança e caridade. Por isso, esta noção de vocação está de acordo com as diretrizes de Santo Inácio nos EE, EE. e com as dinâmicas utilizadas no segundo e terceiro tempos para fazer uma eleição, nos quais o jovem, movido pela graça de Deus e capacitado para discernir os movimentos internos, é ajudado em sua escolha naquilo que Deus dele deseja.

Nesta breve alusão à nova compreensão de vocação, consideramos a diferença entre compreensão dinâmica e estática da vocação. Esta distinção parece captar a insistência dos documentos sobre o aspecto pessoal, o desenvolvimento orgânico e progressivo do jovem, até que alcance a maturidade apropriada para responder. Por isso, a visão dinâmica é antes uma tentativa de resumir essas qua-

lidades do que um conceito explicativo. Em outros estudos sobre essa compreensão recente de vocação, a diferença é vista em termos de confronto entre a visão existencialista, imanente e transcendente, analítica e em processo, etc. (3)

A diferença significativa nestas diversas concepções de vocação baseia-se antes na nossa compreensão mais recente do homem do que na nossa compreensão de Deus. Reconhecemos o homem como responsável, como indivíduo dinâmico que busca significado e engajamento, um indivíduo que também obtém o sentido precisamente por meio do engajamento, e não um indivíduo passivo que, em última análise, é formado e determinado quer por determinadas causas físicas, psíquicas, ambientais ou espirituais. Desta maneira, fazer a vontade de Deus não é conformidade a um plano pré-estabelecido ao qual nos adaptamos, mas é um convite contínuo e diário a um relacionamento específico e particular, que vai influenciar as decisões que eu tomo vivendo no mundo. Nascermos para responder — responder a Deus e aos homens no nosso mundo.

Essas duas visões levam a uma pedagogia muito diferente para o desenvolvimento e discernimento de vocação. O que é importante nessa nova visão é a pessoa e seu relacionamento presente e contínuo com Cristo, consigo mesma e com os outros homens. Ela acentua a atuação do indivíduo — sua maturidade, sua fé e sua disponibilidade nas atividades diárias, nas suas escolhas e atitudes. Ela toma em conta os movimentos e moções da atuação de Deus no indivíduo e na capacidade dele para distinguir e responder a essas moções espirituais. Assim, o acento primeiro recai sobre o indivíduo em sua situação de vida concreta antes do que sobre Deus. Somente a partir de sua atividade, de sua vida espiritual, podemos discernir se Deus o está chamando e se ele é capaz de responder e está disposto a fazê-lo neste nível de relacionamento e adesão pessoal. A vocação tem, pois, dois elementos necessários — a atuação de Deus e a capacidade já provada do jovem para responder livremente e responsabilmente. Sem esses dois elementos é difícil, senão impossível, dizer que há vocação. Por isso, já que tais requisitos exigem reflexão e discernimento, esta visão de vocação aponta para a necessidade de aconselhamento e direção vocacional, através dos quais, ao longo de um período de tempo, o jovem se torna capaz de compreender o que está ocorrendo dentro dele, de modo que possa fazer aquele tipo de opção livre que é exigida nos documentos recentes da 31ª Congregação Geral, e que foi proposta por Santo Inácio no Exame Geral.

REQUISITOS PARA ENTRADA NO NOVICIADO

Os requisitos mais recentes para o ingresso na vida religiosa tem por fim verificar a capacidade do jovem de dar uma resposta realmente livre. Pressupõem certa maturidade e um nível de relacionamento que lhe permite corresponder às exigências de uma vida religiosa em comunidade. Na sua carta sobre a **Formação Espiritual do Jesuíta**, o Pe. Geral declara:

“O candidato que é admitido ao noviciado deveria ser suficientemente maduro para fazer os EE. EE. completos e a eleição responsável de sua vida inteira. Ele deveria ser capaz de assimilar devidamente a formação que é dada no noviciado” (4).

Quando refletimos sobre o significado e as implicações destas exigências,

é necessário que nós mesmos nos tornemos melhor familiarizados com as mesmas, para fazermos os EE. EE. de maneira proveitosa. Da experiência passada com os EE. EE. compreendemos que eles freqüentemente não foram feitos com proveito mas apenas deram ocasião para um entusiasmo temporário. A nossa experiência em dar os Exercícios, revelou-nos que há grandes diferenças nos jovens de um mesmo noviciado, aos quais se impõe que façam os EE. EE. Isto me levou a conhecer cada vez melhor os critérios empregados por Santo Inácio ao dar os EE. EE.: ele não os dava a qualquer um, nem os dava imediatamente ou por inteiro a muitos indivíduos. Mas tinha certos critérios pessoais e espirituais que o ajudavam a julgar um indivíduo se estava preparado para fazer com proveito os EE. EE. completos.

O problema de adequada maturidade torna-se ainda mais complexo quando consideramos a opção pelo estado de vida que alguém está por realizar com toda responsabilidade. Responsabilidade e liberdade embora sejam temas muito debatidos, não são facilmente interiorizados como elementos integrantes da pessoa. Na nossa atual cultura muitos cientistas sociais e educadores salientam que em geral os jovens, que entram nos nossos noviciados, só fazem a opção de vida em torno dos 25 anos de idade. Nos últimos 5 anos, 35% a 40% dos escolásticos da Província de Chicago, já com votos feitos, mudaram ou fizeram sua opção de vida em torno da idade referida. Por isso, os problemas referentes à liberdade e responsabilidade exigem um conhecimento mais profundo do jovem e de sua capacidade para tal opção de vida.

A instrução sobre a **Renovação da Formação Religiosa** é ainda mais explícita com respeito a estas exigências.

“Nesta etapa de formação, o noviciado deve reter seu papel insubstituível e privilegiado com a primeira iniciação na vida religiosa. Esta meta não pode ser atingida a não ser que o futuro noviço possua um mínimo de preparação humana e espiritual, que deve não só ser verificada muitas vezes, mas também completada. De fato, cada candidato que estiver cômico do chamamento de Deus, deveria começar o noviciado no momento em que tiver alcançado o grau de maturidade humana e espiritual que lhe permitam responder a esse chamamento com responsabilidade e liberdade suficientes e apropriadas. Ninguém deveria entrar na vida religiosa sem ter feito livremente esta escolha. . . A maioria das dificuldades encontradas hoje na formação de noviços são normalmente devidas ao fato de não terem a maturidade exigida quando são admitidos.

“Por isso a preparação para entrar no noviciado torna-se cada vez mais necessária, na medida em que o mundo manifesta uma mentalidade menos cristã. . . Disso se segue que todos os institutos, mesmo aqueles cujas etapas de formação não incluem um postulante, devem dar grande importância a esta preparação ao noviciado. . . Além disso, embora reconheçamos que os problemas variam de país a país, é necessário afirmar que a idade exigida para admissão ao noviciado deveria ser mais elevada do que aquela em vigor até agora” (5).

Enquanto estes documentos insistem na liberdade e responsabilidade do jovem ao fazer sua escolha para entrar na vida religiosa e na maturidade pessoal e espiritual que estas requerem, eles não mencionam qual seja essa maturidade, exceto em forma negativa, ao afirmar que nossos conceitos passados tem sido inadequados. O acento nestes documentos, não está tanto nas aspirações, inclui-

nações, ou ideais dos jovens, nem nas moções de Deus, que o possam atrair à vida religiosa. Esses documentos concentram-se na capacidade real e eficaz para discernir essas inclinações e para responder livre e responsabilmente.

REQUISITOS ESPIRITUAIS E SEU FUNDAMENTO NATURAL

A maturidade espiritual, que um jovem deveria ter para entrar na vida religiosa, se relaciona à sua maturidade para fazer com proveito os EE. EE. completos e à realidade de seu relacionamento pessoal com Cristo, que o inspira a fazer uma opção pessoal de compromisso duradouro. Ambas exigem que o jovem tenha alcançado certo nível de liberdade pessoal. O objetivo dos EE. EE. é fazer uma escolha permanente sob a inspiração divina.

"Por isso chamamos os EE. EE. a maneira de preparar e dispor a alma para desembaraçar-se a si mesma de afetos desordenados, e, após sua remoção, a buscar e encontrar a vontade de Deus na disposição de nossa vida para a salvação da alma" (6).

As disposições efetivas do exercitante devem ser julgadas à luz do **Princípio e Fundamento**, do qual essa liberdade espiritual, ou indiferença, faz parte essencial. Sem essa liberdade básica, os EE. EE. não podem ser o instrumento apropriado para produzir o resultado que tem em vista, pois eles pressupõem a capacidade para entrar num relacionamento pessoal com Deus em Cristo. Por isso, o objetivo dos Exercícios não é produzir liberdade, mas aperfeiçoar a liberdade básica. Este parece ser o objetivo de Santo Inácio conforme o seguinte texto:

"Foi a opinião do nosso Bem-aventurado Pai Inácio que eles (os Exercícios completos) não deveriam ser dados a qualquer um indiscriminadamente, mas somente a . . . pessoas consideradas aptas para coisas maiores. Isto se vê claramente a partir de uma instrução, atribuída a palavras ditasas pelo Santo. . . : Em minha opinião não é conveniente encorajar alguém a se submeter aos Exercícios, a não ser que possua as seguintes qualificações, ou ao menos as mais importantes dessas. . . Ele deveria ser livre para decidir por si mesmo, mesmo com respeito à opção de abraçar o estado de perfeição, se for da vontade de Deus de chamá-lo. . . deve ser livre daqueles afetos dos quais ele não poderia ser facilmente libertado, e ser encaminhado àquela equanimidade de ânimo que é necessária para proceder corretamente com este assunto entre sua alma e Deus" (7).

Dá-se se pode ver que há uma relação direta entre os requisitos para os EE. EE. e a ênfase mais recente sobre maturidade espiritual na concretização da vocação.

Deus inspira um jovem gradual e continuamente com experiências concretas da ação de Deus em sua vida (através da experiência de amor, caridade, misericórdia, perdão, justiça etc.) e experiências transcendentais (nas experiências do mistério, paradoxo, limitação e condição de pecador). O jovem responde a Deus em seu nível de compreensão espiritual — em seu nível consciente de percepção espiritual que cresce e se desenvolve através de suas respostas a essas experiências. Nisto ele se torna mais maduro espiritualmente e pessoalmente, até alcançar a liberdade espiritual necessária para fazer escolha permanente, sob a inspiração de Deus.

Entretanto, por causa da variedade de experiências interiores que o jovem tem, ele deve aprender, sob a direção de outros, a distinguir as várias influências sobre essas experiências. Esta direção é tarefa dos pais durante os primeiros anos da vida de um jovem, para ajudá-lo a alcançar uma liberdade básica. Sabemos, porém, nos dias de hoje, que muitos jovens não recebem tal direção e não chegam a uma liberdade básica, ou identidade, na linguagem psicológica.

É esta capacidade para distinguir e responder à experiência interior da pessoa que produz liberdade e maturidade. Neste contexto, o Pe. Dave Asselin, S. J. descreve o cristão maduro:

“Maturidade cristã é crescimento de fé — a contínua resposta que a pessoa, em toda a sua vida, dá a Deus. Isto é, crescimento no discernimento e a capacidade de refletir, compreender, discriminar e responder aos estímulos espirituais interiores e experiências individuais” (8).

É através deste tipo de discernimento que o jovem se torna pessoalmente consciente e convencido da sua própria realidade, de sua identidade, e da atuação de Deus em sua vida. Ele aprende a nunca duvidar do amor de Deus por ele e a acreditar que, mesmo nas circunstâncias mais inesperadas, Deus nunca cessa de chamá-lo para si. Esta é a base da liberdade espiritual. Tal convicção também parece ser o fruto desejado da primeira semana dos EE. EE., como preparação para fazer os Exercícios completos.

Para alcançar este discernimento, o jovem deve ser preparado para se abrir à realidade da experiência interior e tornar-se um ouvinte sensível a esta experiência. Ele deve desenvolver a capacidade para refletir, examinar e julgar esta experiência. Portanto, deve ser uma visão objetiva da realidade que caracteriza o jovem que é capaz de aceitar a realidade assim como ela é, e corresponder à mesma. Por isso, é claro que a liberdade se alcança através da prática adquirida em aceitar confiadamente as exigências da realidade.

A relação entre esta liberdade e a direção espiritual, necessárias para fazer os EE. EE. completos e para assiminação das experiências do noviciado, é explicada mais detalhadamente pelo Pe. Jean Laplace, em *Direção da Consciência*.

A direção espiritual só é possível para uma pessoa que já tem um certo senso de liberdade. . . Este diálogo é às vezes longo e doloroso, quando alguém tem de aceitar a evidência de que ele não pode fazer as grandes coisas que pretende realizar, porque deixou de colocar os fundamentos e porque não se conhece a si mesmo. . . diga-se desde já que o objeto desse diálogo não é de ordem puramente natural, mesmo quando seu objetivo primário é a formação da liberdade. O ensinar uma pessoa a conhecer e a aceitar a si mesma, baseia-se na certeza de que nenhum progresso espiritual pode ser alcançado quando se ignoram ou não se levam em conta os talentos naturais. Quando desde o começo isto é reconhecido de ambos os lados, dá-se realmente o primeiro passo na vida da fé. . . O que não se deve tolerar é fazer da direção um pretexto para evitar decisões pessoais” (9).

Nesta passagem perspicaz de Laplace vemos não só o objeto primário dos inícios da direção espiritual, mas também os requisitos de qualquer progresso espiritual e direção espiritual autênticos. Desta forma, auto-compreensão e auto-aceitação são pré-requisitos para progresso espiritual e escolha espiritual. Muitos

diretores espirituais, Mestres de Noviços, e orientadores religiosos em colégios e outras instituições têm reiterado e enfatizado esses fundamentos naturais. Se os fundamentos naturais não forem estabelecidos previamente não pertence ao noviçado ou está-se construindo sobre areia, o que estamos experienciando em muitas deserções atualmente. Laplace insiste de novo:

“Fundamentos naturais sólidos são tanto mais necessários para um diretor já que ele entra em contato com jovens nos quais a integração pessoal está longe ainda de ser completa. É isto que ele deve primeiro ter em vista, a isso ele deve dedicar-se, se quiser suscitar um relacionamento de ordem espiritual. Ele deve começar reconhecendo e aceitando as condições naturais de todos os relacionamentos. . . Nenhum esforço de vontade pode dispensar o dirigido da tarefa de desenvolver suas forças naturais, e especialmente as afetivas” (10).

Ao elaborar esse tema Laplace concorda, nessa passagem, com a advertência dada em **Renovationis Causam**, que “futuros noviços devem possuir um mínimo de preparação humana e espiritual, que não deve apenas ser verificada, mas, muitas vezes, também completada”. Em sua experiência como diretor espiritual e pregador de retiro, Laplace descobriu, pelo que se vê, que sem esses fundamentos não é possível ter o tipo de relação pessoal com Cristo que está no cerne de nossa vocação jesuíta e que foi continuamente realçado pelo nosso Pe. Geral em seus escritos.

A Congregação Geral 31ª, ao tratar do noviçado e de seu objetivo, insiste no mesmo ponto como Laplace. Uma das funções primárias do noviçado é a formação que visa à familiaridade com Deus na oração. O Decreto declara:

“Esta familiaridade com Deus pressupõe como condições a abnegação, o recolhimento e a paz de espírito. . . É, pois, necessário que todos entendam de quanta importância são para a verdadeira e familiar união com Deus, além da viveza da fé, também o equilíbrio afetivo, a humilde aceitação de si mesmo, a confiança nos outros e a liberdade de espírito, que todos devem ter na conta de condições fundamentais” (12).

A partir de várias informações e experiências, é claro que liberdade pessoal é um pré-requisito necessário para ulterior crescimento na fé e permanente compromisso em uma opção de vida. Fazer com proveito os EE. EE. completos, crescer na intimidade pessoal com Deus por meio da oração e do trabalho apostólico, esforçar-se por alcançar a perfeição da caridade e do engajamento apostólico mediante a direção espiritual, não são os primeiros passos da vida espiritual. Alguma forma de relacionamento pessoal com Deus, implica um compromisso básico de fé e liberdade espiritual, constitui um fundamento necessário para ulterior crescimento na fé. De fato, é precisamente este relacionamento estabelecido por iniciativa de Deus e acolhido efetivamente pelo jovem que o leva a fazer algo mais – a escolher o que mais condiz para este fim. Se esta não for a fonte de suas aspirações, quer o jovem tenha disto consciência ou não, não há fundamento sólido para vocação.

Aliás, esta mesma exigência aparece nos diretórios dos EE. EE. Os exercícios da primeira semana, quando dados independentes do resto dos Exercícios, parecem ter como objetivo essa opção fundamental baseada na fé. Não é a mesma coisa que viver com perfeição a vida dos mandamentos, pois se trata de uma das alternativas para eleição quando se fazem os Exercícios completos.

Em linguagem psicológica, encontramos esta mesma exigência na distinção que Erikson faz entre um período de identidade e um período de intimidade (13). Identidade psicológica envolve certa auto-posse, auto-integração, e auto-determinação; é a seqüência da consciência permanente do seu próprio valor e da estima de si mesmo: de ser amado e digno de amor. Dada esta consciência permanente da própria identidade, o jovem é capaz de sair de si mesmo para relacionar-se com outros, e de amá-los e apreciá-los pelo que eles são de preferência ao que representam. Este é o período de intimidade no qual o jovem pode assumir compromissos e obrigações, e assimilar alegrias profundas como também relacionamentos pessoais mais íntimos.

FUNDAMENTOS NATURAIS PARA UM RELACIONAMENTO CONTÍNUO COM DEUS

O senso duradouro de identidade, assim como é descrito por Erikson, tem as mesmas características que as condições fundamentais para oração delineadas pela Congregação Geral 31ª: equilíbrio emocional, humilde aceitação de si mesmo, confiança nos outros, e liberdade de espírito. As mais fundamentais delas são aceitação de si mesmo e confiança nos outros, que são correlativas. Somente através da confiança e do amor que os outros nos demonstram, alcançamos aquela confiança e aquele amor que nos permitem confiar e amar os outros. Este é o tema salientado por S. João em sua primeira carta: a capacidade de amarmos a Deus, não provém da nossa iniciativa, mas do fato de Deus nos ter amado por primeiro. Somente aceitando e recebendo esse amor é que somos capazes de amar-nos a nós mesmos e retribuir o amor de Deus a Ele e aos outros. Já que a aceitação de si mesmo e a confiança nos outros são dinâmicas correlativas num jovem, consideraremos as duas por primeiro. O objetivo não é estudar a maneira de alcançar a auto-aceitação, mas sua necessidade para o crescimento espiritual.

A exposição acima sobre a vocação aponta para a visão dinâmica da vocação como relacionamento pessoal com Deus e com os outros. Tais relacionamentos não são fáceis de alcançar. São João em sua Primeira Carta trata do mesmo tema: se dissermos que amamos a Deus e não amamos o nosso próximo, somos mentirosos. Encontramos muitos que parecem achar fácil amar a Deus sem ter amor ao próximo; deveríamos, portanto, ter a mesma cautela que São João nos sugere. Por conseguinte, nisso sabemos que alguém ama a Deus, se esta verdade está gravada na história da sua vida e nas circunstâncias concretas — ao sabermos que ele ama a si mesmo, o que é uma das partes centrais do mandamento máximo, e se ele ama seu próximo, p. ex., seus pais, colegas, patrões, etc. Hoje tais dimensões do amor parecem ser muito difíceis de atingir. Num recente encontro de Mestres de Noviços um homem experimentado observou que a dificuldade maior e mais comum que ele defronta era a de que os nossos jovens realmente não gostam de si mesmos. Esta é uma constatação terrivelmente importante à luz do que escreveu Laplace, e Congregação Geral 31ª, etc. Os PP. James Burke, S. J., e John C. Futrell, S. J., fizeram uma reportagem sobre sua recente visita a centros de formação na Europa. Eles encontraram esta mesma característica e a anotaram em termos precisos.

Os jovens europeus, que se tornam escolásticos jesuítas, têm em comum com seus colegas americanos uma série de características básicas. Quando se chega a conhecê-los melhor, fica-se impressionado com a tendência que manifestam para uma atitude uniforme perante as influências fundamentais à formação e à cultura.

Pelo fato de terem crescido e continuado a viver num tempo de constantes e desconcertantes mudanças na sociedade secularizada, na Igreja e na Companhia de Jesus, os jovens tendem a deixar-se marcar por um profundo sentimento de insegurança, que em muitos resulta numa auto-imagem extremamente negativa. Eles são fortemente motivados (às vezes de maneira obsessiva) pelo desejo de encontrar estabilidade e amparo, mas são levados a pensar que, num mundo em mudança, estes bens só podem ser encontrados em relacionamentos interpessoais profundos. Esta é às mais das vezes, a razão de sua forte insistência em morar em comunidades pequenas e íntimas e de seu medo atual de viver em grandes comunidades.

Essa insegurança básica continua muitas vezes por muitos anos e resulta numa espécie de **fragilidade psicológica generalizada**. Estes jovens são muito inseguros para assumir um compromisso adulto e permanente. É hoje mais difícil e muito mais demorado alcançar a maturidade emocional necessária para assumir o compromisso dos votos do que no mundo mais estável do passado, onde se tinha o apoio de estruturas externas aparentemente duradouras. Como resultado, os jovens tendem a tornar-se profundamente decepcionados consigo mesmos, com a Companhia e com o próprio Deus (14).

Esta afirmação feita pelos pp. Burke e Futrell se aplica a muitos jovens na Companhia hoje. Quer as causas referidas para esses fenômenos sejam corretas quer não, tais fenômenos estão presentes. O próprio Pe. Geral aponta para a mesma espécie de fenômenos e acrescenta: "Mais vezes eu penso que posso discernir, em poucos religiosos onde se manifesta, além das incertezas e dos desencorajamentos a respeito de sua vocação, uma outra causa mais profunda ainda, que no fundo é o caso (por estranho que possa parecer) **de não terem feito uma real escolha para a vida** — isto é, uma opção plenamente consciente e responsável, capaz de nos comprometer definitivamente" (15). Esta deficiência de compromisso está relacionada à vida de fé do indivíduo — isto é, a fé em si mesmo, nos outros, e em Deus. O Pe. Geral escreve: "Uma das maiores tentações de hoje é a do desencorajamento. . . Desencorajamento tem que ser combatido com fé. A falta de fé está na base de muitas deserções na vida religiosa. Por causa de tal necessidade de fé, impõe-se que as etapas de formação se dediquem à formar homens de fé. Isto quer dizer que deveríamos selecionar cuidadosamente os candidatos para a Companhia" (16).

Essas observações salientam a falta de auto-aceitação e de confiança nos outros, resultando em fragilidade interna, efemeridade de compromisso, falta de fé, etc. Como é evidente, há um relacionamento intrínseco e estreito entre auto-aceitação e compromisso de fé em contínuo crescimento. Num artigo sobre maturidade espiritual, o Pe. Charles Curran desenvolve este relacionamento:

"Em minha opinião, devemos atualizar o familiar texto tomístico que coloca a essência e o objetivo de nossas vidas incorporados no mandamento de Cristo de amar o próximo como a nós mesmos, e a Deus acima de todos. Como

S. Tomás observa, comentando este texto, o amor a si mesmo é apresentado como o modelo do qual o amor ao próximo é a cópia. Dos dois decorre o amor a Deus. O Papa Paulo VI disse que o teste crucial do amor cristão é o amor ao próximo. Amamos o próximo segundo o amor que temos de nós mesmos — ou, como os psicólogos diriam, segundo a nossa auto-imagem. Nossa auto-imagem pode ser comparada a um par de óculos. Vemos os outros claramente ou de forma distorcida segundo a visão que temos de nós mesmos, clara e distorcida. Em seu tratado sobre a amizade, no fim da **Ética de Nicômaco**, Aristóteles acentua a mesma coisa. Por isso, a forma de mudar um grupo ou uma organização é capacitar cada um dos jovens para confrontar-se consigo mesmo, em nível profundo, produzindo uma mudança no auto-conhecimento. Mudanças em suas atitudes em relação aos outros seguirão inevitavelmente. Nós mudamos em relação um ao outro somente na medida em que de alguma forma mudamos a nós mesmos" (17).

Examinando as afirmações acima, pode-se ver que a falta de auto-aceitação traz consigo uma espécie de diluição de identidade, antes do que um senso duradouro de identidade. O jovem parece estar à mercê de suas emoções, sentimentos, e uma variedade de experiências interiores que o mantém preocupado, desviando suas energias e seus talentos ao encontro de si mesmo e afastando-o de uma prestação de serviço aos outros. Em tal condição parece haver uma falta de equilíbrio emocional, que é uma outra exigência para a relação familiar com Deus proposta nos decretos da Congregação Geral 31ª. Por isso, vemos que há uma relação muito estreita entre aceitação de si mesmo e esse equilíbrio afetivo. Mas antes de analisar as implicações desse equilíbrio, será útil coletar outros requisitos exigidos para o ingresso na Companhia que realçam a necessidade de equilíbrio emocional e especificam mais concretamente o que isto implica.

No Decreto sobre a **Castidade**, os Padres Congregados escreveram:

"Contudo, para que um homem ouse abraçar na Igreja esta vocação de amor, é necessário que satisfaça estes requisitos:

- a) Fé viva, pois só por ela se entendem o sentido e a valia daquele mais elevado amor. . .
- b) São equilíbrio de afetividade em constante progresso de amadurecimento, graças ao qual se integram os impulsos e motivações conscientes ou inconscientes de toda a personalidade, aplanando a vida para uma eleição plenamente humana. . .

E em especial, já que a observância da castidade perfeita atinge intimamente as inclinações mais profundas da natureza humana, não se afoitem os candidatos nem sejam admitidos à profissão da castidade perfeita senão depois de provas deveras suficientes e com a devida maturidade psicológica e afetiva. Prova disto é a constatação principalmente de uma certa estabilidade de espírito, pela ponderada faculdade de decidir, e retidão em julgar os acontecimentos e os homens" (18).

Equilíbrio afetivo é um conceito difícil de descrever porque é realmente o efeito e o subproduto de uma genuína auto-aceitação e de um senso duradouro de identidade. Ele não é uma ponderação estática de afetos positivos ou negativos, nem um controle rígido de emoções e tendências emotivas. Equilíbrio afetivo é a condição de um jovem que não tem medo de suas emoções e de seus

sentimentos e que é capaz de integrar esses no conjunto de sua vida: — isto é, auto-aceitação.

Já que as emoções são cegas e dependem de um conhecimento prévio e de valores afetivos na vida de um jovem, há equilíbrio afetivo quando um jovem tem um objetivo ou meta de vida em torno dos quais sua vida afetiva e emocional está integrada. Isto significa que ele pode corresponder às exigências da realidade — de outras pessoas, do trabalho, da oração etc., — sem procurar-se sutilmente a si mesmo.

Para um jesuíta este objetivo é servir a Cristo encarnado, como deve ser, no serviço prestado aos outros homens no apostolado; ou, mais concretamente, sendo um servo, um companheiro de Cristo servindo as pessoas no apostolado. O objetivo do jesuíta não pode ser uma tarefa ou um apostolado, ele deve ser sempre concretizado na Pessoa de Cristo e nas pessoas dos homens. Esta forma de integração está bem definida na carta sobre a **Formação Espiritual do Jesuíta**.

“(Maturidade). . . implica uma capacidade de assumir as pessoas e os acontecimentos como eles são, para assumir responsabilidade e tratar os homens. Ela implica uma capacidade de sintetizar a experiência, o lastro cultural e o conhecimento; senso comum combinado com iniciativa, imaginação e percepção; caráter forte e contudo flexível e a capacidade de trabalhar para um objetivo. O mais importante, porém, ela implica uma personalidade sólida, **integrada por uma dedicação a um apostolado num espírito de fidelidade e amor**” (19).

Considerando a relação entre maturidade espiritual e liberdade entre liberdade e auto-aceitação, será útil ampliar ainda mais nossa compreensão de humilde aceitação de si mesmo. Abraham Maslow fez vários estudos sobre a auto-realização de indivíduos, nos quais há esta auto-aceitação e uma conseqüente dedicação em servir aos outros. Destes estudos e experiências ele oferece a seguinte descrição de pessoas que têm um senso duradouro de identidade.

“Por definição, pessoas realizadas sentem-se gratificadas em todas as suas necessidades básicas (de integração social, de amizade, de respeito e auto-estima). Quer dizer que elas gozam do sentimento de estabilidade, elas estão satisfeitas em suas necessidades de amor, têm amigos, sentem-se amadas e dignas de amor, têm status e posição na vida, são respeitadas pelas outras pessoas, e elas mesmas sentem respeito de si mesmas. Se exprimirmos isso em forma negativa — em termos de frustração dessas necessidades básicas e em termos de patologia — isto quer dizer que homens realizados não se sentem (por longo tempo) dominados pela ansiedade, insegurança, abatimento, não se sentem sós, banidos, desenraizados, ou isolados, não se sentem indignos de amor, rejeitados ou mal-quisitos, nem desprezados, inferiorizados ou profundamente desvalorizados, nem têm sentimento de inferioridade ou inutilidade que os possam arrasar. Além disso, tal pessoa deveria estar usando suas capacidades positivamente, e estar motivada também por certos valores pelos quais ela luta ou busca e aos quais ela é fiel. . . Observando diretamente pessoas auto-realizadas, verifiquei em todos os casos, pelo menos na nossa cultura, que são pessoas dedicadas, e empenhadas em alguma tarefa fora delas mesmas, em alguma vocação ou num emprego ou numa profissão que as satisfaz. Geralmente, dedicação e empenho são tão marcantes que bem se poderia usar as tradicionais palavras vocação, chamado ou missão

para descrever seu sentimento apaixonado, abnegado e profundo pelo trabalho" (20).

Como se vê claro nesta formulação de Maslow, há muitos ecos e ressonâncias daquilo que foi afirmado pela Igreja, pela Companhia, por Laplace e outros. Ele chega à mesma realidade a partir de um outro ponto de vista, o que é proveitoso para uma compreensão mais plena dos documentos citados. Isto está de acordo com o encargo dado ao Pe. Geral pela Congregação Geral 31ª, ao incumbi-lo de "confiar a especialistas um estudo que assimile de maneira competente os progressos feitos nos campos da teologia, psicologia, e pedagogia, e de aplicá-los à direção dos jesuítas, para que possam perseverar de maneira mais segura na perfeita castidade" (21).

FUNDAMENTOS NATURAIS E O NOVICIADO

Os critérios estudados acima, estabelecidos pela Igreja e pela Companhia, e elaborados a partir dos escritos de homens experimentados, focalizam o objetivo e a pedagogia do noviciado. Partindo desses critérios, parece que as exigências hoje são efetivamente diferentes daqueles do passado. Talvez as palavras ou o significado não sejam inteiramente diferentes, mas a ênfase e a insistência na maturidade pessoal e liberdade são maiores do que têm sido no passado. Tais exigências não são exatamente reações às deficiências e aos defeitos do passado. Elas se originam de uma nova compreensão da pedagogia de vocação: — uma nova compreensão do homem e da sua resposta a Deus — e do lugar e do objetivo do noviciado dentro dessa resposta. O noviciado não é um lugar ou tempo para adquirir auto-aceitação ou auto-identidade, embora estes certamente crescerão durante este período como crescem em todo relacionamento genuinamente espiritual. É um tempo de crescimento na intimidade com Deus em Cristo e na comunidade, de sorte que, na íntima experiência de Deus, um indivíduo seja apto a fazer uma opção plena, livre e consciente de si mesmo na fé.

Uma outra influência nesta reavaliação é a renovação na compreensão da nossa vocação. Essa nova compreensão e a imagem do jesuíta que resulta disso tem importantes implicações tanto na formação dada no noviciado como no tipo de pessoas que tal formação requer. Essa nova imagem acentua as características de um apóstolo — íntimo relacionamento com Cristo, uma comunidade formada por uma visão e experiência comum antes do que por uma convivência mútua, responsabilidade, iniciativa e perspectiva apostólica da oração, castidade, e obediência. Estas características colocam novas exigências para o noviciado e para o noviço.

Se as exigências estabelecidas pela Companhia e suas implicações são tomadas a sério, admitir candidatos que são duvidosamente aptos é contrário não só aos critérios expostos, mas pode ser positivamente contraproducente para a Companhia e para os jovens. Aceitas como verdadeiras as condições fundamentais para a oração do jesuíta, descritas pela Congregação Geral 31ª, é claro que o jovem que não as possui está desprovido dos próprios meios de formação com que deve contar. E, no entanto, é estimulado a atingir um objetivo que, a partir da nossa convicção, é incapaz de adquirir neste tempo. Se tal jovem for admitido ao noviciado, ele está condenado ao contínuo fracasso naquilo que é a

parte central da experiência do noviciado, isto é, a intimidade crescente com Deus. Admitindo tal jovem ao noviciado e mantendo-o lá, parece que lhe estamos dizendo que tem condições para a vida religiosa, quando de fato, ainda não as possui. Isto aumenta uma dependência doentia ao diretor de noviços, porque o noviço tem que seguir cegamente seus conselhos, uma vez que ele mesmo não pode responder a uma realidade que por ora lhe escapa; isto pode aumentar nele um falso sentimento de culpa, por não sentir-se capaz de realizar aquilo que, seguindo a informação que lhe é dada, seria capaz de realizar; isso pode contribuir para um aumento de sua auto-imagem negativa, a ponto de impedir-lhe autêntica aceitação de si mesmo e confiança nos outros. Talvez estes resultados podem ser vistos na experiência prática com escolásticos que estão tendo dificuldades com fé, compromisso, oração etc. Frequentemente procuramos que eles resolvam essas dificuldades através de oração, retiros, e direção espiritual quando reconhecemos, pelas condições fundamentais descritas no decreto sobre a oração, que estas pessoas são incapazes de realizar tais práticas, e eles mesmos nos dizem claramente que esta é a situação em que se encontram. Através de nossa insistência em usar os meios ordinários na Companhia parece que incrementamos o fardo e a tensão que estes jovens estão experimentando.

AJUDAS CONCRETAS NO PROCESSO DE DIREÇÃO ESPIRITUAL

Na exposição feita acima referente aos critérios para a seleção dos candidatos, tentamos proceder a partir das declarações do Pe. Geral e dos documentos da Igreja e da Companhia. Essas foram mais detalhadamente elaboradas por experimentados diretores espirituais e por psicólogos que trabalham em áreas semelhantes. No fim, haverá talvez maior clarificação e consciência do que são estas exigências e do que elas significam. Contudo, sempre se desejou que houvesse critérios mais específicos e concretos para auxiliar o diretor. Aqui um estudo de casos concretos poderia ser útil, mas esses são frequentemente casos tão específicos que se torna difícil generalizar a partir deles. Por isso, no presente capítulo descrevemos alguns que podem ser úteis para avaliar e ajudar o jovem que vem pedir direção. Os dados dessas áreas não devem ser usados como lista de controle, mas devem ser considerados à luz dos critérios gerais dados acima. Talvez seria bom, para fins de avaliação, passar continuamente do mais geral ao particular, para que nesta dialética se possa chegar mais facilmente a um juízo ponderado.

A partir de um enfoque positivo devemos considerar o jovem em seus relacionamentos atuais. Nesses relacionamentos ele manifesta a si mesmo e aos outros seu próprio senso duradouro de identidade, já que nesses relacionamentos ele é a mesma pessoa agindo e reagindo numa variedade de situações exigentes. Indicações de um bom senso de identidade devem ser encontradas nos relacionamentos básicos de um jovem: com os pais, colegas masculinos, moças, trabalho, jogo e vida espiritual.

1. Pais: Já que cada jovem terá sentimentos ambivalentes em relação aos pais, devemos esforçar-nos por verificar se os sentimentos positivos superam os negativos. Isto se vê melhor na interação atual do jovem com os pais do que nas palavras que ele usa para idealizar seus sentimentos a respeito dos pais. Que espé-

cie de abertura, respeito, consideração, comunicação mútua há em seu relacionamento? Até que ponto o jovem idealiza um ou outro dos seus pais? Aqui é necessário julgar a partir da tonalidade de sentimento no diálogo antes do que a partir do conteúdo das afirmações. Muitos jovens não podem verbalizar seus sentimentos negativos em relação a seus pais, mas eles os manifestam numa variedade de formas de retraimento da família, de modo que toda a sua vida está ligada a atividades ou à escola, dependência excessiva ou independência excessiva da família.

2. Colegas masculinos: Este jovem se relaciona facilmente e bem com seus colegas masculinos? Ele os respeita e eles o respeitam? Qual é a base dos relacionamentos que ele tem: algumas atividades, algum interesse em comum, ou eles são felizes apenas por estarem juntos? É necessário saber o que une os jovens, pois às vezes não há real relacionamento mas interesse comum, p. ex., no estudo da física, etc. O jovem é competitivo ainda que não destrutivamente de modo que ele sabe tanto vencer como perder? Ele sabe colaborar com os outros de modo que ele não tem que vencer ou sempre ser ou aparecer como sendo superior? Ele sabe tanto receber dos outros como dar? Como ele reage diante das falhas em seus colegas? Ele está satisfeito no relacionamento com os colegas?

3. Moças: Laplace, entre outros, indica que equilíbrio humano se desenvolve particularmente através de relacionamentos com moças, de sorte que esta é uma área importante de desenvolvimento. O jovem tem marcado encontros com uma pessoa do outro sexo algumas vezes e com diferentes moças? Uma moça comunica muito a um jovem que não é comunicado por outros. Ela pode ser uma real fonte de graça e vida para ele. De que nível são seus relacionamentos com pessoas do outro sexo? Eles produziram crescimento ou significaram meramente e unicamente autogratificação, auto-realização e pressão social? Quanto ele pensou tratar ou tratou com a moça como uma pessoa? Quais são suas fantasias em relação às moças — são realistas, mórbidas, etc.? Que limites ele impõe ao seu comportamento com uma moça: ele é uma pessoa moral? Ele foi capaz, nestes relacionamentos, de privar-se de vários tipos de gratificação imediata em favor de objetivos futuros? O que é importante aqui não é exatamente a frequência de encontros com pessoas do outro sexo, mas a qualidade do relacionamento.

4. Trabalho: Qual é a atitude do jovem frente ao cumprimento efetivo das tarefas de trabalho que ele tem, p. ex., escola, emprego, trabalhos domésticos etc.? Ele sabe assumir responsabilidade e executá-la a contento e gostar disso? Tudo isso é necessário e especialmente a última. Ele é capaz de entregar em casa o que ganha pelo trabalho e encontra alegria em entregar o que ganha? Ele tem a habilidade de cooperar em empreendimentos cooperativamente e sabe perseverar em tais empreendimentos? Ele trabalha melhor sozinho ou com outros?

5. Esporte: Como o jovem usa seu tempo de lazer — criativamente, dissipadamente? Ele é alguém que encontra satisfação no lazer? Ele tem alguma inclinação para as belas artes: música, arte, poesia, leitura, teatro? Que espécie de diversão pessoal ele tem? Qual é o centro de sua diversão?

6. Vida Espiritual: Ele apresenta uma vida espiritual que manifesta algum crescimento? Quem é Cristo para ele e qual é seu significado na vida do jovem? São os sacramentos uma espécie de encontro com Deus ou são eles mais expe-

riência de comunidade? Ele é capaz de pensar em Deus de forma mais abstrata e pessoal, mais do que nas formas concretas e personalística da primeira adolescência? Ele tem alguma noção do seu estado de pecaminosidade, que é distinto do desencorajamento que resulta da culpa ou do fato de cometer pecados? Há alguma evidência de uma caridade crescente em sua consciência perante as necessidades dos outros?

As questões colocadas nessas diferentes áreas não são uma lista de controle mas uma oportunidade para chegar a conhecer o jovem. É importante saber o que vai dentro dele, o que ele realmente pensa, sente, e faz. Nisso é importante tentar descobrir sua motivação efetiva. Esta é uma tarefa difícil e que exige tempo, mesmo para gente treinada. Entretanto, esta é talvez a área mais crucial para o discernimento e a liberdade individual. Aqui é importante descobrir as pessoas que são seus modelos. Para quem ele está se empenhando — para você, para seus pais, para um patrão? Donde ele recebe sua inspiração e satisfação? Diante de quem e contra quem ele está reagindo?

Em matéria de motivação, pode ser esclarecedora a maneira como o jovem se relaciona com você. Você se sente bem diante dele? Você sente que conhece este jovem? Ele é capaz de fazer decisões por si mesmo ou ele se porta esquivamente, esperando algum sinal de aprovação antes de agir? Como ele se sente no relacionamento com você? Qual é o senso de identidade pessoal e de valor dele, que se manifesta nesta situação? Qual é a sua capacidade de mudar e crescer ao manifestá-la nas situações de sua vida diária através do diálogo de direção? Há real mudança e crescimento ou há apenas conversa sobre mudança e uma crescente dependência dele de você para aprovação de suas ações?

Todas essas questões mais específicas e concretas não visam excluir um indivíduo da vida religiosa, mas visam avaliar sua liberdade individual e ajudá-lo no crescimento nesta liberdade pessoal para que ele possa dar o tipo de resposta exigida para entrar na vida religiosa. Esta é uma tarefa fundamental e necessária — uma tarefa que não pode ser evitada. Ela deve ocorrer ou antes ou após a entrada na vida religiosa. Os documentos da Igreja e da Companhia insistem que ela deve ser realizada antes da entrada. Por isso, se torna claro que a responsabilidade de direção vocacional é semelhante àquela do Mestre de Noviços em relação ao candidato.

Outro subsídio útil para o diretor vocacional pode ser considerar algumas indicações de falta de liberdade. Embora sejam complementares àquelas dadas acima, podem contudo ajudar ao diretor.

1. Qual é a distância entre os ideais do jovem e a imaginação de sua capacidade e a realidade do seu comportamento. Por exemplo, um jovem pode considerar-se popular, respeitado, um líder, e contudo pode ter poucos amigos ou pouco respeito por parte dos seus colegas: Assim, a **distância** ou **discrepância** entre o ideal e o real no comportamento é um bom sinal da falta de liberdade. Em tal caso, a motivação efetiva do jovem é diferente de sua motivação idealizada. Talvez o que seja o mais importante aqui, todavia, é a incapacidade do jovem ou a recusa de reconhecer e enfrentar sua motivação efetiva.

2. Estreitamente ligada a essa diferença de imaginação e comportamento é a distância entre o auto-conceito idealizado do indivíduo e seu real auto-conceito. Esse auto-conceito pode ser deduzido até certo grau do comportamento

do indivíduo, mas no decurso do diálogo de direção deveria tornar-se possível encontrar algumas das dimensões, motivações, emoções e experiências envolvidas nestes diferentes auto-conceitos. Neste nível se exige muito discernimento e bom julgamento pelo diretor espiritual, porque aspirações religiosas e inclinações vocacionais podem ser apenas uma parte do auto-conceito idealizado. Por exemplo, jovens que foram treinados para serem os melhores naquilo para o qual demonstram alguma inclinação, por causa de uma tendência, perfeccionista, consideram a vida religiosa o melhor caminho de servir a Deus e por isso a escolhem por ser o melhor. Nesse caso, não é a escolha que Deus faz do jovem mas a iniciativa do homem que escolhe a Deus, invertendo completamente as palavras de Cristo "não foste vós que me escolhestes..." Outros jovens poderiam considerar a Companhia de Jesus como um grupo de homens dedicados e eficientes, orientados para serem líderes no campo do trabalho social ou de educação. O desejo de ser eficiente, de ser parte de uma equipe, e de dedicar-se à educação poderia ser apenas uma parte do auto-conceito do jovem. Por isso, seu próprio auto-conceito poderia ser expressão de uma imagem ou visão da Companhia que omite a parte essencial da vocação jesuíta: relação pessoal com Cristo no serviço de Deus através do serviço aos homens.

Em jovens nos quais essa distância é muito grande, há facilidade em conformar-se aos aspectos externos, mas há grande dificuldade em interiorizar o genuíno amor a Cristo e aos outros. O que é importante descobrir são as razões e motivos porque o jovem tem tal auto-conceito idealizado. Quando a distância entre ambos é grande, há ou uma ausência de um senso duradouro de identidade, que é comum na primeira adolescência, ou há necessidade de rejeitar de alguma forma o próprio eu porque o auto-conceito real tem características negativas que são inaceitáveis para o jovem — mesmo que elas sejam falsas — e que exigem que um auto-conceito idealizado seja mantido. O jovem gasta muita energia em tentar manter o auto-conceito idealizado sem tentar compreender, integrar, e julgar corretamente seu próprio auto-conceito real. Por conseguinte, em vez de integração há uma forma de repressão ou supressão que lhe exige centralizar energia sobre o próprio eu. Em vez de um senso duradouro de identidade, há uma diluição de identidade.

3. Outro sinal de falta de liberdade pode ser encontrado no uso que um jovem faz das reações tanto positivas como negativas provindas de seu relacionamento, trabalho, oração, etc. Se um jovem usa a consolação na oração e dados de informação positiva em outras áreas da vida para amparar seu ego, agarrando-se à consolação ou aos dados de informação para seu próprio benefício, ele está fazendo uso errado deles. Para ele os dados de informação positiva não são um convite a um amor mais intenso, um serviço mais empenhativo, um esvaziamento do seu egoísmo, mas são usados como algo a que agarrar-se e possuir. Por outro lado, desolação e dados de informação negativa tornam-se derrotas, fracassos, frustrações, etc., antes do que experiências de aprendizagem nas quais se lhe oferecem novas possibilidades para o relacionamento. Exige-se muita direção, experiência e paciência para aprender como usar de maneira apropriada os dados de informação positiva e negativa, mas se o jovem recusa ou parece ser incapaz de tal aprendizagem há ausência de autêntica liberdade.

A importância do uso e da compreensão dos dados de informação positiva e negativa pelo jovem na compreensão e direção da sua liberdade pessoal torna-se mais claro quando consideramos as regras de discernimento da Primeira Semana dos EE. EE. Um dos principais objetivos da consolação e desolação da Primeira Semana é de levar o jovem a uma confiança plena e entrega ao amor de Deus, para que o jovem possa tornar-se totalmente aberto à vontade de Deus e adquirir essa indiferença perante aquilo que Deus dele deseja.

4. Outro sinal da falta de liberdade pode ser encontrado em jovens que fazem perguntas sobre o modo. Eles querem saber como rezar, como entrar em relacionamento, como amar, etc. Ao nível do relacionamento, perguntas sobre o modo são enganosas pois referem-se a processos e meios mais do que à outra pessoa no relacionamento. O que Karl Rahner escreve sobre oração a este respeito tem aplicação mais ampla no desenvolvimento do jovem e de sua liberdade.

"Nosso amor a Deus e nossa oração tem uma dificuldade em comum. Eles terão êxito somente se deixamos de lado pensar sobre o que estamos fazendo, pensando apenas naquele por quem o estamos fazendo. Estar preocupado principalmente com a forma correta de amar ou com a forma correta de rezar implica falhar quase inevitavelmente na realização de ambas as atividades. . . Não podemos realmente cumprir um ato e ao mesmo tempo estar preocupados com a técnica de fazê-lo. Temos êxito na oração e no amor quando nos perdermos a nós mesmos em ambos, e não mais estivermos atentos ao **como** estamos rezando ou de **que** maneira estamos amando.

Nossa época dedica-se especialmente à introspecção e à análise da causa e ação, com o resultado de que freqüentemente estamos privados da capacidade de agir por causa da preocupação com a maneira de realizar o ato" (22).

Por isso tratamos aqui da preocupação com os meios e de uma espécie de passividade em relação à iniciativa de agir. Essas questões podem ser muito enganosas porque elas parecem mostrar grande interesse e desejo de entrar em relação com Deus, com os outros e consigo mesmo, e contudo há a recusa de entregar o próprio eu a outro. Por isso, a atitude de perguntar pelo modo pode indicar um apego indevido a si mesmo. Jovens que experimentam o amor pessoal a Cristo parecem ter a liberdade de buscar novas e diferentes formas de rezar, de servir, de aprofundar os relacionamentos, ao passo que jovens que não tem essa experiência estão muito preocupados com os mecanismos e nunca parecem encontrar a outra pessoa. Há nisso uma radical falta de fé e confiança na outra pessoa e em si mesmos.

Quando tais pessoas ficam mais idosas, elas parecem ficar atoladas em considerações teológicas, controvérsias escriturísticas, etc., ao tentarem fazer os EE. EE. Parece quase impossível para eles aproximar-se dos EE. EE., ou de Deus, numa fé objetiva. Em vez de tratar de Deus, que se revela, e da transmissão desta revelação nos termos, símbolos, e na compreensão dos autores da Sagrada Escritura, eles se prendem à expressão, à teologização, e deixam de escutar a Deus que se revela a si mesmo.

5. Outro sinal de falta de liberdade é indicado pelo grau de dependência que o jovem tem do diretor, de um professor ou de seus colegas. Essa dependência é até certo ponto paradoxal pois envolve uma espécie de conformidade externa,

mas não a dependência pessoal num genuíno relacionamento em que valores são comunicados e internalizados. O relacionamento é de dependência e de apoio, mas não sempre um relacionamento de crescimento. Um sinal evidente desta espécie de dependência destrutiva existe se o jovem se conforma aos desejos explícitos e implícitos do modelo que escolheu ou se ele parte por si mesmo à procura de novas formas de aprofundamento e vivência dos valores que foram comunicados. É importante nesse caso perceber a conformidade do jovem aos desejos implícitos de seu modelo, porque o modelo pode ser até certo ponto inconsciente de que ele está manifestando tais desejos.

6. Outro sinal de falta de liberdade envolve problemas sexuais. Se houver dificuldades sérias e/ou até certo ponto prolongadas com a masturbação, ou outros problemas sexuais, eles podem ser um real sinal de falta de liberdade. O que é importante é saber o que o jovem sente e pensa sobre esses problemas, o que ele aprendeu deles, o que ele pensa de si mesmo, etc. Tais problemas sexuais podem ser um sintoma de alguma auto-avaliação negativa que faz o jovem voltar-se sobre si mesmo, de modo que ele usa sua sexualidade numa forma egoísta. Se o jovem compreende isto e começa a sair de si mesmo é um sinal positivo e saudável. Se o jovem pára com essa atividade sexual, mas é incapaz de integrá-la ou compreendê-la, é muito provável que isso será apenas uma pausa temporária. Talvez seja a influência do diretor, o critério da Companhia, ou algum medo de não ser aceito que, por um tempo, o ajuda a interromper este hábito. Em tal caso, parece haver alguma forma de repressão ou supressão sem real compreensão ou integração. Um bom número de jovens que foram capazes de parar sua atividade sexual uns seis meses antes de entrar na Companhia e ao longo do noviciado, encontram nela uma tentação persistente após os votos e freqüentemente continuam lá onde pararam. Em tais casos, não houve integração e muito do crescimento aparente no noviciado foi conformidade externa sem efetivamente afetar o jovem em nível mais profundo de si mesmo e de seus valores.

7. Um último sinal de falta de liberdade é a atitude genuína do jovem para com sua situação de pecaminosidade. Arnold Uley, escreveu recentemente em seu livro:

"Nossos contemporâneos não parecem ter alcançado um sentimento de culpa num grau normal. Particularmente, eles parecem imunes à questão cruciante que sempre afligiu um homem profundamente religioso: como posso eu, um pecador, receber a graça e ser salvo? Ao contrário, o homem moderno fica embaraçado e humilhado pela doutrina da redenção, e, da salvação através de um outro. Ele recusa aceitar sua culpa, embora mostre um elevado grau de sensibilidade diante do sofrimento e dos males da existência. Em vez de uma culpa pessoal ele tem um sentimento do absurdo diante da presença do enigma insolúvel da vida. Tudo parece incliná-lo a inverter os papéis e a pedir contas a Deus" (23).

A falta de uma noção sadia e salvífica do pecado é uma indicação da falta de liberdade. Aceitar sua própria condição de pecado exige fé em si mesmo e em Deus. Por outro lado, se não houver disposição firme de sair de minha condição de pecador, se não aceitar a reconciliação por meio do amor de Deus e um crescimento na fé, esperança e amor, o jovem não está preparado para completar a Primeira Semana dos EE. EE.

Como em toda a tentativa de especificar as características da personalidade, analisando o comportamento do jovem para compreender as dinâmicas envolvidas, podemos formar uma lista de itens que, porém, nunca poderá ser usada como critério de avaliação. Ela serve apenas para ajudar o diretor a chegar a conhecer de um modo mais profundo e pessoal o jovem que veio a ele em busca de orientação para conhecer-se a si mesmo e encontrar a Deus. Tal lista nunca pode substituir a percepção cuidadosa e sensível do diretor espiritual ou conselheiro, embora ela possa ajudar a aumentar sua sensibilidade. Somente num íntimo relacionamento pessoal, no qual o jovem é conhecido em suas motivações não totalmente conscientes, é possível usar corretamente os critérios analisados acima. É por meio do relacionamento, também, que o jovem está situado numa atmosfera propícia ao crescimento. Mas, talvez exista na Companhia um perigo muito maior de negligenciar quase totalmente tais critérios em favor da "graça de Deus" e da "graça da vocação." Em vista disso é necessário reiterar e enfatizar a exigência da Congregação Geral 31ª em seu decreto sobre a castidade: "Usando da devida firmeza e pondo de parte compaixões que antes merecem o nome de cuedade, cuidem os superiores de não admitir aos votos ou às ordens os ineptos nem os de duvidosa idoneidade" (24). De acordo com o nosso desejo de que os jovens compartilhem a visão e o chamado de nossa vocação, é mais fácil escutar suas palavras e desejos do que ver as exigências mais profundas que lhe são feitas com respeito à maturidade espiritual. Recentemente o Pe. Geral lembrou aos Provinciais a necessidade de um exame cuidadoso dos candidatos.

"É necessário ter presente as palavras que S. Inácio escreveu nas Constituições, da parte dos súditos, convirá não admitir para a Profissão uma grande multidão de gente, e não conservar, mesmo como coadjutores formados ou escolásticos, senão pessoas escolhidas. Porque um grande número de pessoas não bem mortificadas em seus vícios, tornam impossível a boa ordem e a união, tão necessárias em Cristo Nosso Senhor, para que se mantenha o bom estado e modo de proceder da Companhia (657). S. Inácio costumava dizer que se havia alguma coisa que o faria querer continuar a viver, isto era fazer difícil entrar na Companhia. (MY Fontes Narrativas, II, 475-6; I, 66)" (25).

Talvez seja útil assinalar e lembrar que cada jovem tem uma história pessoal: um passado, presente e futuro. Seu passado não é determinante, mas é uma influência, um contexto no qual ele aprendeu a conhecer a si mesmo e a Deus. Por isso, é necessário conhecer como ele trata de seu próprio passado, como ele o integra e vive, o que ele pensa sobre ele e a respeito de si mesmo. O presente também é necessário para conhecer como ele está respondendo às exigências da realidade atual sobre ele: seus pais, colegas, moças, trabalho, ele mesmo e Deus. O futuro também é extremamente importante, porque é possível prever o futuro comportamento de certos tipos de jovens — especialmente se eles não são livres. Neste sentido pode ser muito útil descobrir o que o jovem gostaria de ser dez ou vinte anos adiante. Isto não é perguntar o que ele pretende fazer, mas que tipo de homem ou pessoa ele gostaria de ser: que tipo de realismo ele demonstra e como ele o vê no relacionamento consigo mesmo no presente. Através da compreensão do passado, presente, e futuro deste jovem que o diretor tem, o mesmo poderá ajudá-lo a crescer também na liberdade, e, por conseguinte, na fé, espe-

rança e amor. Estas são também as perguntas muito práticas que S. Inácio exigia que a pessoa fizesse a si mesma no colóquio do primeiro exercício da Primeira Semana dos EE. EE.

ACONSELHAMENTO E DIREÇÃO VOCACIONAL

A partir destes critérios de crescimento e desenvolvimento na vida pessoal e espiritual de um jovem parece que podemos começar a ver a necessidade de um diretor vocacional e a especificar sua tarefa. É ajudar o jovem a alcançar a auto-aceitação e o conseqüente crescimento como pessoa, para que possa continuar a responder, relacionar-se, e desenvolver seu relacionamento com Deus até que ele possa responder em plena liberdade através de uma eleição apropriada para a sua vida. A tarefa é ajudar um jovem em sua primeira vocação — ser uma pessoa, isto é, conscientizar-se de sermos criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus, para podermos aproximar-nos de Deus e dos outros com genuíno conhecimento e amor. Nesta parte do artigo inspiramo-nos quase inteiramente em Jean Laplace, S. J., que escreveu sobre o papel e a tarefa do diretor vocacional. O Pe. Dave Asselin, S. J., também trata de alguns dos aspectos da direção vocacional num artigo excelente (26).

Uma das influências mais cruciais em todo o relacionamento de direção é a atitude do diretor. Algumas sugestões em relação a esta atitude foram feitas acima. Já que a atitude do diretor é essencial ao relacionamento, é necessário estar ciente das próprias atitudes em vez de deixá-las cegamente influenciar o que está ocorrendo. Laplace esclarece e assinala desta forma a atitude apropriada a um diretor.

“Um verdadeiro diretor não é alguém que faz uma folha de balanço no fim do ano dos candidatos que ele enviou ao seminário, ou recrutou para algum movimento ou para a congregação. Sem idéias preconcebidas, e mesmo tomando cuidado de não impor o que quer que seja, sua primeira preocupação é levar cada jovem a confrontar-se face a face com sua liberdade e com Deus. Nosso trabalho é de prevenir o outro contra empreendimentos precipitados, possíveis ilusões ou falhas, assim que o Criador possa livremente abraçar sua criatura, e revelar sua vontade a ele. . . Cada qual, numa vocação cristã comum, não é chamado a seguir o mesmo caminho. Para ajudar a cada um a descobrir o caminho que é apropriado para ele, temos que respeitar nele — como primeiro sinal que Deus lhe dá a respeito de sua vontade — sua condição, sua idade, seu temperamento e a graça que ele recebeu. . . Este princípio é válido para toda eleição, e é fundamental para toda direção espiritual. . . Após essa direção vocacional, cada um se despeça de nós em paz, porque o conselho que recebeu respeita sua natureza e a graça do momento” (27).

A espécie de desprendimento, caridade e humildade exigida do diretor espiritual é bem profunda e pervasiva. Entretanto, esta é a meta a ser alcançada e sobre a qual o diretor deve examinar-se. S. Inácio recomendou que pessoas que tomam decisões deveriam rezar sobre a matéria e examinar-se a si mesmas e as suas motivações nos relacionamentos dos quais uma decisão deve resultar. Parece que as recomendações feitas por Laplace refletem e reiteram justamente o que S. Inácio pediu de todos os Jesuítas que examinam candidatos para a Companhia.

O tipo de integridade pessoal e maturidade espiritual requerido dos candidatos para a vida religiosa foi considerado como intimamente relacionado com a liberdade pessoal. Por isso, educação para a liberdade é uma das tarefas principais do diretor. Laplace trata desta educação:

“Seria certamente um erro grave conceber o diálogo de direção como um ensinamento dado por um mestre a um discípulo. Mesmo que ele tratasse da liberdade, tal ensinamento não responderia aos desejos mais profundos de quem os recebe, o qual não está perguntando pela natureza da liberdade, mas pelo que ele deve interiormente fazer para ser capaz de servir a Deus com um coração livre” (28).

“O essencial não é falar sobre a liberdade, mas desenvolvê-la, desejoso unicamente de acolher a vontade de Deus. A decisão (sobre vocação) virá por si mesma no momento certo, se nosso cuidado tem sido torná-la possível. A preparação do ser humano equilibrado abrange todos os níveis simultaneamente, através da confrontação com a vida, com os outros, e particularmente através dos relacionamentos com o sexo oposto. . . O diretor não deve ser precipitado. Ele deve ser capaz de assistir alguém em sua busca e dar-lhe todo o tempo que necessita. Pode ser um tempo longo. Muita gente hoje experimenta uma adolescência prolongada, e isto os impede de fazer reais decisões” (29).

Esta educação para a liberdade ocorre nas circunstâncias concretas da vida diária e nos relacionamentos comuns a cada um. Laplace reconhece, como também o decreto sobre o noviciado, que formação ocorre em todos os níveis simultaneamente e um não pode ser separado dos outros. Isto é importante, pois exige um conhecimento completo do jovem nas situações concretas de sua vida. Não se trata de saber como ele compreende a liberdade, mas até que ponto ele é livre nas situações, circunstâncias e relacionamentos de sua vida. A maneira como essa história da vida concreta e o diálogo de direção se referem especificamente ao aconselhamento vocacional é assinalado por Laplace no que segue:

“Direção assume um caráter excepcional quando procuramos descobrir a vontade de Deus para a vida toda. O problema da vocação sempre tem sido um dos temas privilegiados. Mas observamos que a preocupação pelo realismo, sem dúvida, deve ser a meta primária ao tratar-se desse assunto, pois nos permite formular a questão em termos mais objetivos e mais espirituais. **Vocação, como todo o chamado de Deus, está realmente inserida na história concreta e no dinamismo interior do indivíduo.** É através de um estudo de ambos que podemos esperar que a direção nos mostre a luz reveladora da vontade de Deus, antes do que através de uma revelação súbita, ou uma avaliação ampla de razões que alguém apresenta para fundamentar sua opção por um estilo de vida ou outro. Direção que tem a vida diária por seu objeto regular permitir-nos-á mais facilmente reconhecer, com o passar dos anos, os sinais que Deus nos dá através dos acontecimentos, sinais esses que tão facilmente podem permanecer imperceptíveis a alguém que não está treinado a fazer um discernimento acerca deles” (30).

Com estas anotações e observações temos o início de uma descrição razoável da tarefa da direção ou aconselhamento vocacional.

PROGRAMA PROPOSTO PARA DIREÇÃO VOCACIONAL

Ao elaborar este programa, que poderia ser seguido na direção vocacional, a intenção não é estabelecer um sistema rígido, invariável, mas ajudar os diretores na compreensão de sua tarefa e apontar várias áreas que se mostraram difíceis. Este é um programa proposto, por isso mesmo é um programa a ser discutido, analisado e revisado, se necessário, pelos diretores. Ele pretende oferecer um subsídio para uma avaliação inicial dos jovens que nos abordam sobre vocação, e preparar esses jovens para a direção propriamente dita. Parece haver ao menos três áreas difíceis: estabelecer o contato para direção e avaliação, o exame para entrar no noviciado, e oferecer direção adequada a um jovem em quem a integração pessoal é incompleta. Cada uma delas é tomada em consideração no programa abaixo, baseado na compreensão do crescimento e desenvolvimento gradual do jovem e na coleta da informação necessária para o diretor e a Companhia.

O Programa proposto inclui um número de "pontos de escolha", que exigem alguma explicação. Estes "pontos de escolha" ocorrem quando o diretor pode resumir certa porção deste programa e propor ao jovem os passos que deverá tomar a seguir. Feito isto, é muito útil deixar o jovem inteiramente livre para decidir se quer ou não continuar no contato estabelecido. Para isto se sugere ao diretor que, depois de ter resumido o assunto do contato anterior e proposto os passos seguintes, diga ao jovem, que se apresenta depois de duas ou três semanas, se quiser continuar com os contatos. Esta distância pode ser muito importante num contato progressivo, envolvendo as aspirações mais profundas do jovem. Ele deve ter a liberdade, a partir desses contatos, de fazer uma escolha livre, se quiser continuar.

1. CONTATO INICIAL E SUA CONTINUAÇÃO

É fato que um bom número de jovens que pedem informação sobre a Companhia, o faz por razões psicológicas claramente superficiais. Estamos procurando obter dados estatísticos sobre este fenômeno, mas, pelas observações feitas, parece tratar-se de uma percentagem razoavelmente alta. Por isso, é necessário dois ou três encontros gerais para chegar a conhecer o jovem de modo a decidir se ele manifesta suficiente equilíbrio e boa vontade e, portanto, se vale a pena trabalhar com ele no sentido de ajudá-lo a encontrar-se a si mesmo e a vontade de Deus.

Quando o diretor julga que vale a pena prosseguir o contato com o jovem, a fim de ajudá-lo com sua direção, o primeiro objetivo que deve ter em vista é estabelecer o tipo de entrevista que o possa ajudar na avaliação do jovem. No início, o diretor deve falar sobre os ideais e métodos da Companhia, e as razões em que se apóia. Deve informar o tipo de entrevistas em que está interessado, sobre o que vai falar, e porque estes assuntos são importantes. Deste modo, o jovem sabe o que o espera. O objetivo geral do diretor será conhecer o jovem como pessoa, aqui e agora, o que pensa de si mesmo, o que experimenta interiormente, etc. . . Isto também manifesta o interesse pessoal e real do diretor pelo jovem e mostra seu desejo de ajudá-lo a fazer uma boa escolha.

Esta maneira de estabelecer o contato pode, por várias razões, criar uma situação difícil, mas, provavelmente, constitui a etapa mais importante do contato inicial do jovem com a Companhia. As razões para ambos (diretor e dirigido), as dificuldades e a importância de estabelecer essas entrevistas, concentram-se nas expectativas do jovem.

Quando um jovem começa a considerar seriamente a possibilidade de ter vocação, ele ainda não sabe o que o espera. Sensibilizado pela importância da oração e da reflexão, através da leitura de literatura vocacional, ou a partir daquilo que possa ter ouvido nas salas de aula, ou que sentiu pessoalmente a respeito da vocação, a maioria dos jovens decide-se a falar com o diretor depois de algum tempo de reflexão e de algum esforço para se decidir. Por isso, ele espera, normalmente, que deve entrar no seminário ou noviciado para ver se tem vocação. Desta forma julga ter resolvido o assunto e ter as respostas às perguntas que ordinariamente o diretor lhe poderá fazer. Em alguns casos, o diretor encontrará que de fato é assim, que o jovem lutou com os temas reais da vocação e com a resposta que dá livremente. Em muitos casos porém, senão na maioria deles, verificar-se-á que tudo foi muito superficial e que o jovem necessita de ajuda para confrontar-se com os temas reais. A dificuldade, contudo, é que se está pedindo à pessoa de tomar uma direção que ela não esperava. Há um conflito entre as suas atitudes. Isto, contudo, deveria ser esperado, mesmo que possa surpreender o jovem, talvez até desconcertá-lo. O diretor deverá estar preparado para enfrentar esta reação como muito normal, enquanto esclarece a natureza do relacionamento que o diretor deve estabelecer com ele e com suas próprias expectativas.

Outra tensão experimentada neste período de direção é a do tempo. A necessidade de pagar a matrícula no colégio, de arranjar um emprego nas férias de verão, de fazer o vestibular para a universidade, etc., são problemas práticos que devem ser levados em consideração. Estas preocupações, embora reais, fazem parte das expectativas referidas acima. Aqui é necessário fazer que o jovem espere até que se esclareça a natureza das entrevistas. Em seguida, deixa-se o jovem assumir por si mesmo a responsabilidade de resolver estes problemas práticos. Deverá ficar claro pela explicação que não é possível saber, neste momento, quanto tempo este relacionamento ou processo poderá durar. A maneira como o jovem aceita esta responsabilidade poderá ser uma indicação significativa de sua própria maturidade. Ele deverá prosseguir de acordo com seus planos regulares até que queira mudá-lo à luz do que aprender através da direção ou até estar preparado para o noviciado. Parece também ser melhor deixar toda a responsabilidade ao jovem quanto ao pagamento de taxas adicionais, matrícula da escola, etc. O diretor deverá ser muito relutante em sugerir que a Companhia possa financiá-lo durante este período de tempo. Esse último conselho não se baseia apenas na falta de maturidade do jovem, mas na resposta dada por um grupo de jovens interessados na Companhia. Eles querem aceitar a responsabilidade de trabalhar para sustentar-se a si mesmos e de viver o tipo de pobreza que isto poderá implicar. Além disso, não querem sentir esse vínculo financeiro para com a Companhia.

A simples exposição, porém, das exigências e das esperanças da Companhia não dá garantia de que o jovem compreenda ou conheça como há de corresponder às mesmas. É preciso algum tempo para que o jovem se ajuste a estas exi-

gências, tome consciência de sua experiência interior e consiga exprimi-la adequadamente. Por isso, a responsabilidade recai inicialmente sobre o diretor, dependendo do seu modo de inquirir sobre a experiência vocacional do jovem, sobre os motivos, suas razões, seus relacionamentos, atitudes, etc. Na continuação destas entrevistas o jovem pode aprender praticamente o que se espera dele. É importante ser honesto e pessoal nesta iniciação e estar preparado para enfrentar alguns dos problemas já mencionados, além de outros mais. É necessário descobrir a reação do jovem com respeito ao que o diretor está procurando obter dele. Se o diretor achar difícil conseguir este diálogo, porque o jovem parece não corresponder, então pode ficar certo de que o mesmo problema haveria de ocorrer no noviciado. Se o jovem se mostrar perturbado e apreensivo, é importante esperar o momento oportuno para descobrir as causas desta inquietação. O que se descobrir em tais situações, poderá ser a mais importante fonte de informação sobre o mesmo jovem. O diretor poderá sentir certo constrangimento e apreensão, e até alguma culpa em retardar o desenvolvimento do jovem, uma possível vocação, mas deve estar ciente de que a resposta do jovem é mais importante do que os seus sentimentos. É necessário que ele saiba o que está fazendo nestas entrevistas porque, de fato, ele está fazendo algo importante. Ele pode estar observando, esperando, correspondendo, resistindo, etc., e tudo isso repercute do fundo de suas necessidades presentes. Finalmente, pode levar muito tempo para estabelecer o relacionamento ao nível da direção onde o jovem entende o que o diretor quer dele. Em alguns casos, no noviciado, demora um ano ou mais. Se demorar tanto tempo, não se fique alarmado, pois o jovem pode estar crescendo, necessitando um longo período de tempo para ter confiança em assumir tal relacionamento. O diretor poderá estar certo de que ele precisaria de um período equivalente ou até mais no noviciado para ser capaz de estabelecer esse relacionamento que é necessário para determinar se ele pode responder a Deus de forma livre e pessoal.

Durante este tempo o jovem poderá manifestar o desejo de consultar a outrem sobre a vocação dele. É necessário descobrir por que ele quer fazer esta mudança. Ele pode sentir que é um conflito de personalidade, mas pode ser um sinal de imaturidade e um sinal de que ele quer apenas encontrar alguém que seja mais simpático aos seus próprios desejos. Tal resposta é importante indicação sobre a maturidade e responsabilidade do jovem e parece razoável. Contudo, é importante que se saiba as razões subjacentes e a reação do jovem.

É claro que o jovem poderá decidir a qualquer momento a interrupção das entrevistas, mas é importante que na ocasião se lhe dê um "ponto de escolha" bem claro, de modo que saiba o que se espera dele. Quando o diretor estiver bastante seguro de que o jovem sabe o que se espera dele no relacionamento e na seguinte fase, que poderia ser um exame em maior profundidade dos motivos, etc., é necessário dar-lhe uma oportunidade clara para avaliar o que ocorreu e para decidir se ele quer continuar. Às vezes, no entusiasmo da auto-descoberta, ele pode querer continuar imediatamente, mas uma prática segura indica que ele deveria esperar duas ou três semanas antes de fazer esta decisão. Então ele deverá informar o diretor sobre o que pretende fazer.

2. AVALIAÇÃO INICIAL DO JOVEM

Se o jovem decide continuar nestas entrevistas, o objetivo será então avaliar a maturidade efetiva do indivíduo e sua capacidade para dar uma resposta responsável. Nesta fase se há de explorar mais detalhadamente as várias áreas de sua vida pessoal, já consideradas na parte central deste artigo. Durante esta fase executa a tarefa que cabe ao examinador do candidato. Cabe-lhe tomar a decisão inicial sobre o jovem e explorar em profundidade se o jovem está apto para ser examinado. A maioria desses examinadores consideram bastante difícil essa tarefa. A razão disso é talvez o fato de que o tipo de entrevistas que esta tarefa pressupõe, não foi antes estabelecido. Contudo, esta fase do relacionamento deverá continuar até que se tenha condições suficientes para fazer um juízo. Parece que há ao menos quatro julgamentos possíveis:

1. O jovem está apto para entrar no noviciado, isto é, ele tem a maturidade para responder livremente e pessoalmente;
2. O jovem parece estar apto, mas prevalece a incerteza sobre este julgamento;
3. O jovem necessita de maior crescimento interior e maturidade pessoal, pois faltam-lhe estabilidade moral e auto-determinação. Isto pode envolver uma das seguintes razões: parece não haver bloqueios psicológicos mas apenas falta de experiência e necessidade de maior maturidade, ou pode haver alguns problemas psicológicos que o jovem deverá superar;
4. O jovem é definitivamente inadmissível.

Quando o examinador tiver formulado sua opinião acerca dele, há outro "ponto de escolha" referente ao jovem. O diretor e o jovem podem resumir o que descobriram sobre ele e sobre sua aptidão para responder livremente. Então se poderá delinear a seguinte fase que visa obter informação e opinião de outros sobre a melhor orientação a dar ao prosseguir no relacionamento e na ajuda a dar ao jovem em seu crescimento que o tornará mais apto para discernir que escolha ele deverá fazer. Isto envolve testes psicológicos, entrevistas com outros jesuítas, entrevista com psiquiatra ou com um conselheiro psicológico. Quando isto tiver sido explicado ao jovem ele terá que esperar por duas ou três semanas antes de comunicar ao diretor sobre sua escolha.

3. OUTRA AVALIAÇÃO PROFISSIONAL DO JOVEM

Se o jovem decidir que quer continuar no relacionamento e continuar o processo, faça-o preencher o questionário de informação sobre o candidato, escrever sua autobiografia, fornecer os nomes de pessoas que poderão fornecer informações sobre ele, e providencie os testes psicológicos e as entrevistas com os jesuítas. Um jesuíta especialmente destacado trata dos testes psicológicos e reúne os entrevistadores. Ele também cuida que o jovem encontre um conselheiro psicológico ou um psiquiatra, que fará uma entrevista à luz das informações recebidas e do resultado dos testes psicológicos.

Durante esse tempo o diretor continuará a encontrar-se com o jovem para direção. Talvez se manifestarão algumas reações da parte do jovem por causa dos testes e das entrevistas, ou talvez ele continuará dialogando com você como

antes. O diretor não será um dos entrevistadores, mas também manterá o relacionamento estabelecido, sendo a primeira associação do jovem com a Companhia.

Quando todas as informações tiverem sido recolhidas tanto dos orientadores, dos testes psicológicos, como das entrevistas psicológicas, haverá um encontro entre os entrevistadores (seria bom que o psiquiatra ou psicólogo estejam presentes também), o diretor de vocações, o Mestre de Noviços e o diretor vocacional. O diretor pode esclarecer sua opinião e ajudar os entrevistadores a esclarecer a opinião deles, se isto for necessário. Deste encontro deveria resultar uma avaliação mais completa do jovem e de suas necessidades, uma especificação do que ele deverá completar antes de entrar, se ele não for julgado apto, e algum plano ou programa para alcançar estes objetivos. Por conseguinte, as informações e o encontro são destinados ao uso do diretor e do jovem, enquanto os mesmos fornecem informações úteis para a Companhia. Parece que há três orientações gerais a serem traçadas:

1. O jovem está apto para o noviciado e a direção continuada deverá ser dada juntamente com o Mestre de Noviços para prepará-lo para entrar;

2. Se o jovem não estiver apto neste momento, mas precisa mais crescimento e maturidade como caminho normal de desenvolvimento, ele poderá ser informado da possibilidade de participar do programa de Pré-Noviciado. Neste caso, o diretor do programa de Pré-Noviciado poderá tornar-se o diretor do jovem;

3. Se o jovem não está apto e parece necessitar aconselhamento ou outra ajuda psicológica, ele deverá ser aconselhado a submeter-se a isto. Se o jovem deseja continuar a direção durante este período de aconselhamento, o diretor trabalhará, conjuntamente com o conselheiro, ajudando o jovem a alcançar a liberdade espiritual.

Quando o diretor tiver recolhido as informações e o parecer dos entrevistadores, ele deverá comunicá-lo ao jovem em forma apropriada. Após isto, será bom pedir ao jovem que considere estas informações e faça seu próprio plano para o futuro — o que ele considera ser apropriado fazer e por que, que meios empregar para alcançar este objetivo, e que critérios usar para julgar a si mesmo na aquisição desse objetivo. Concluído isso, o jovem e o diretor, à base da experiência e do conhecimento que esse possui, tratarão da revisão e/ou da implementação deste plano. Frequentemente o jovem apresentará um plano mais prático do que aquele que o diretor possa fornecer. Isto constitui também seu próprio objetivo e sua própria responsabilidade e favorece maior crescimento e um incremento na liberdade e responsabilidade. Depois de ter esclarecido a seguinte fase de desenvolvimento se fornecerá ao jovem outro “ponto de escolha”, isto é, decidir se quer ou não continuar neste relacionamento e nesta maneira de descobrir sua vocação.

4. DIREÇÃO CONTINUADA

Se o jovem escolher continuar com a direção que o diretor lhe está dando, é importante que continue com o tipo de treinamento que o diretor vinha lhe dando na situação concreta de sua vida. Isto se aplica a três diferentes tipos de jovens que se possa estar dirigindo. Laplace indica alguns dos conteúdos desta direção.

"Será melhor continuar com seu treinamento ordinário, auxiliando-o nos estudos que está fazendo, ou na profissão a escolher, alguma coisa que aumenta sua utilidade de uma ou de outra forma, confrontando-o com as exigências da realidade que todo o homem tem que enfrentar. Durante este tempo ele receberá a ajuda mediante uma vida espiritual iluminadora para discernir pouco a pouco os falsos motivos de suas ações, mesmo daquelas que são mais generosas na aparência. Ele deve aprender a não fugir de si mesmo, até mesmo em situações humilhantes. . . Nesta esfera, os diretores devem ser advertidos contra o uso do argumento da generosidade. É fácil usá-lo, e tão fácil ser iludido por ele" (31).

1. Para aqueles que são considerados aptos à experiência do noviciado, o objetivo será torná-lo capaz de continuar com toda a responsabilidade o curso de ação, fornecendo-lhe maior conhecimento da vida espiritual e da Companhia. Isto lhe fornecerá melhor oportunidade de fazer uma escolha mais livre para seu pedido de admissão na Companhia. Durante este tempo se poderá tratar com ele da oração, do exame de consciência, dos votos, e da Companhia. Seria bom para ele estar engajado em alguma atividade apostólica na comunidade cristã. Deverá seguir um contato com o Mestre de Noviços e a comunidade do noviciado, para que o Mestre de Noviços possa colaborar com o diretor da preparação deste jovem para entrar no noviciado. Durante este período ele fará sua primeira provação no noviciado onde ele terá tempo para considerar seu pedido de admissão à Companhia.

2. Para aqueles que são considerados aptos par continuar no programa do Pré-Noviciado, o diretor poderá ser solicitado a continuar colaborando com o diretor do programa do Pré-Noviciado. Durante este tempo é vital seguir exatamente o conselho de Laplace dado acima e na parte central deste artigo. Durante este tempo o diretor deverá ajudar o jovem a explicitar seus objetivos e os meios para alcançá-los, ajudá-lo a discernir os vários motivos, e encorajá-lo a perseverar em seu crescimento. Ele deverá chegar a conhecer a família e os amigos do jovem em situações concretas para melhor conhecer o jovem. Ele poderá encorajá-lo a conseguir algum tipo de trabalho para pagar seu próprio sustento, ao menos em parte, e a tornar-se pessoalmente engajado em algum apostolado na comunidade cristã. Para o crescimento espiritual do jovem, há de se insistir na recepção dos sacramentos e exame de consciência juntamente com o tipo de discernimento acima mencionado. Ele deverá ser encorajado a rezar, mas sua oração provavelmente será uma oração vocal e orações de grupo antes do que a oração íntima e pessoal que se espera dele mais tarde. Se, na medida em que o tempo passa, em sua opinião e na daqueles que se reúnem com ele nos encontros dos candidatos do Pré-Noviciado, ele parece estar apto para pedir admissão no Noviciado, o diretor poderá começar os preparativos especificados acima.

3. Para aqueles que necessitam de aconselhamento ou ajuda psicológica, siga-se o conselho de Laplace, enquanto se mantém contato com o conselheiro que também tratará dos mesmos aspectos da vida do jovem. O diretor poderá falar com o conselheiro sobre o jovem referente ao trabalho, namoro dele etc. Será também proveitoso conhecer seus pais e amigos, pois eles podem fornecer informação valiosa que possa ajudar na direção do jovem. Essa direção deverá ser acompanhada pelo conselheiro. Espiritualmente pode-se ajudar o jovem a discernir alguns dos seus motivos e a receber os sacramentos dignamente e com sentido profundo. Deve-se encorajá-lo também a rezar. Será bom consultar o conselheiro se o jovem deverá iniciar um exame diário de consciência e quais os pontos a enfatizar. Pode vir um tempo no crescimento deste jovem em que será proveitoso para ele, depois de ter alcançado a devida aptidão, tornar-se membro do grupo no Pré-Noviciado.

CONCLUSÃO

Este programa parece longo, enorme e impossível de realizar. Entretanto, ele pretende concretizar as sugestões feitas no corpo deste artigo referente às exigências para os candidatos ao noviciado. Pretende salientar as exigências absolutas: julgar a liberdade efetiva do jovem na situação concreta de sua vida, providenciar para realizá-lo de maneira apropriada, e ajudar o jovem a continuar crescendo até que possa responder livremente. Não há intenção de fixar um certo período de tempo para este programa, embora se acentue a importância de não limitar o período de tempo a apenas umas poucas semanas. Com alguns jovens este processo pode ser relativamente breve — dois ou três meses — por causa da facilidade de estabelecer o contato e do progresso que ele está fazendo em sua vida. Em outros candidatos já se terá alcançado algumas metas mencionadas acima; devido ao conhecimento que se tem do jovem e de contatos prévios com ele. Entretanto, é necessário prevenir os diretores que eles deverão estar seguros de que os atuais objetivos aqui apresentados foram alcançados. Se você tiver aconselhado um jovem num nível diferente ou teve um contato diferente com ele, seja na pastoral, na escola, etc., é necessário estabelecer o tipo de contato descrito aqui ou enviá-lo a alguém outro. Muitos no passado se iludiram pensando que conheciam o jovem e depois descobriram que se tinham enganado.

Fazemos votos que este artigo sirva de estímulo por maior interesse e participação na difícil mas muito compensadora tarefa de ajudar jovens a encontrar a Deus. Esperamos que este artigo ajude a penetrar no âmago do questionamento e reexame ora em andamento na Igreja e na Companhia em busca dos meios para corresponder às exigências que Deus faz aos homens de hoje nas circunstâncias atuais. Evidentemente esses temas como também a formação não são domínio privilegiado de uns poucos mas constitui uma tarefa de todos os jesuítas. É, portanto, um convite para partilhar e participar nesta formação.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **Documentos da Congregação Geral XXXI**, Decr. 8 - Formação Espiritual dos Nossos, p. 58, n. 6.
2. **On Renewal of Religious Formation**. United States Catholic Conference. 1969, p. 5. citado a seguir: Rel. For.
3. "Vatican II and Vocational Guidance", Godfrey Poage, C. P., **The Priest**, March 1970, pp. 7-17.
4. **On The Spiritual Treining of a Jesuit**, Pedro Arrupe, S. J., p. 21: citado a seguir: Sp. Tr. of Jesuit.
5. **Rel. For.**, pp. 5-7 passim.
6. **The Spiritual Exercises of St. Ignatius** - Fr. Louis J. Puhl, S. J., The Newman Press, Westminster, Maryland, 1959, p. 1.
7. **Directory to the Spiritual Exercises**. Manresa Press, London, 1925, pp. 4-5.
8. "Christian Maturity and Spiritual Discernment." **David T. Asselin, S. J., Review for Religious**. July, 1968, p. 584.
9. **La Direction de Conscience** - Jean Laplace, S. J., Mame, Paris 1965, pp. 23s.
10. **La Dir. de Cons.**, Laplace, p. 63.
11. **Rel. For.**, p. 6.
12. **Congregação Geral XXXI**, Decr. 8, p. 63, n. 17.
13. Erikson, Eric J. **Childhood & Society** 2nd ed. Norton, Co. New York, 1963.
14. Report on the Formation of Jesuits in Europe, James MBurke, S. J. and John Carroi Futrell, S. J. An unpublished report, pp. 1-2.
15. Some observations of Fr. General regarding The of Formation: to the scholastics of Colombia, August-September 1968, p. 3.
16. Introductory talk of Father General to the Provincials at their Meeting in Rome, May 6, 1969, p. 4.
17. Some Concepts of Psychological and Spiritual Maturity, Rev. Charles A. Curran, Ph. D. Unpublished notes, p. 4.
18. **Congregação Geral XXXI**, Decr. 16, A Castidade na Companhia, p. 129, n. 9 a).
19. **Sp. Tr. of Jesuit**, pp. 9-10.
20. "A Theory of Matemotivation: The biological Rooting of the Value-Life", Abraham H. Maslow. **Journal of Humanistic Psychology**, Fall, 1967, pp. 93-94.
21. **Congregação Geral XXXI**, Decr. 16, p. 123, § 1.
22. **On Prayer**, Karl Rahner, S. J.. Paulist Press Deus Books, 1968, p. 31.
23. **Is It I, Lord?** Arnold Eley. Tr. Mary Ilford, Holt, Reinehart, and Winston, New York, 1968, pp. 9-10.

-
24. **Congregação Geral XXXI**, Decr. 16, p. 130, n. 9 c.
 25. Letter of Very Rev. Fr. General to the Whole Society on The Collaboration of All in its Renovatio Accomadata, p. 2.
 26. "Christian Maturity and Spiritual Discernment", David T. Asselin, S. J. **Review for Religious**, July 1968 pp. 581-595.
 27. **La. Dir. de Cons.** - Jean Laplace, pp. 146-148.
 28. *Ibid.*, p. 23.
 29. *Ibid.*, pp. 163s.
 30. *Ibid.*, pp. 31s.
 31. *Ibid.*, p. 162.